

# VIVÊNCIAS JUVENIS E URBANIDADE: ARTICULAÇÕES ENTRE EXPERIMENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA E CONSUMO CULTURAL<sup>i</sup>

Profa. Dra. Josimey Costa da Silva (Universidade Federal do Rio Grande  
do Norte – RN)<sup>ii</sup>

Profa. Dra. Rita Alves Oliveira (Centro Universitário SENAC – SP)<sup>iii</sup>

Profa. Dra. Rosamaria Luiza (Rose) de Melo Rocha (ESPM – SP)<sup>iv</sup>

**RESUMO:** A cultura midiática constitui o ser social nos centros urbanos como consumidor atravessado por fluxos de outras vivências e pelo compartilhamento de imaginários geracionais. Os jovens vivenciam sua condição por meio do relacionamento com novas tecnologias da comunicação. A apropriação de bens culturais define estilos de vida como sucessão, alternância e simultaneidade incorporadas ao cotidiano. A experiência urbana e a emergência da violência – como fato social e em suas manifestações simbólicas – articulam-se de modo abrangente e determinante na constituição do que se entende e do que se vive como juventude.

**PALAVRAS-CHAVE:** Juventude - Consumo cultural – Violência – Imaginário - Metrópole

## **1 – Consumo simbólico e experimentação da violência: pertencimentos, formas de expressão**

A partir da segunda metade do século XX o estrato jovem da população passa a ocupar uma posição destacada em termos da cultura massiva e, posteriormente, do que se vem denominando o campo midiático, tanto na esfera da produção quanto na do consumo real e simbólico. Esse consumo, percebido em um sentido amplo, estruturado por e estruturante de complexas redes sócio-econômicas e culturais, expande-se e se reconfigura no contato com os fluxos da experiência urbana e no compartilhamento, nem sempre pacífico, de diferentes imaginários geracionais.

Segundo a proposta que referencia este artigo<sup>v</sup>, a recepção e o consumo cultural são os lugares epistemológico e metodológico adotados para se perceber analiticamente os jovens e suas representações de vida e morte. Interessa-nos, ainda, refletir sobre as formas de socialização que se produzem nos trajetos dessa experimentação do consumo entendendo que, na contemporaneidade, a

experiência urbana – em suas dimensões espaço-temporais – e a emergência da violência – como fato social e em suas manifestações simbólicas – articulam-se de modo abrangente e determinante na constituição do que se entende e do que se vive como juventude. Associados, inúmeras vezes, a situações de protagonismo na prática da violência e, concretamente, engrossando as estatísticas de vitimização, os jovens moradores de São Paulo desenvolvem estratégias de deslocamento pela cidade que consideram a experimentação da violência, tanto como fato real a definir espacialidades, quanto como sensação difusa a demarcar a temporalidade urbana.

A constituição do ser social nos centros urbanos pressupõe a apropriação cultural no âmbito da produção industrial. A cultura - aqui entendida, dentro da concepção de Edgar Morin, como “um corpo complexo de normas, símbolos, ritos e imagens que penetram o indivíduo” (MORIN, 1984: 15) encontrando-se vinculada à produção e ao consumo cultural mediados tecnologicamente, com as redes de comunicação ocupando papel de destaque no processo. O consumo imaginário dá-se pelo estético que, embora na sociedade contemporânea esteja delineado por padrões criados industrialmente, não pode se descolar do que há de mais ancestral no espírito do homem. A relação estética implica em transferências psíquicas (projeção, identificação), que constituem a relação humana ampla e fundamental, quase primária, com o mundo (MORIN, 1979).

O consumo cultural, portanto, não foi encarado aqui no âmbito apenas da emissão/recepção que envolve consumidores passivos e reprodutores de uma ordem simbólica determinada pelas indústrias culturais e pelas contemporâneas culturas das mídias. Buscou-se entender *consumo cultural* tanto como a aquisição e uso de mercadorias, quanto como um espaço para pensar, refletir. Daí a ênfase nos complexos processos de escolhas e apropriações simbólicas que definem identidades, apontam as diferenças, expressam visões de mundo e constituem sujeitos imaginantes que encontram nesse consumo sua forma de inserção no mundo. Ao se realizar uma etnografia dos usos e apropriações culturais (CERTEAU, 1994) tornaram-se evidentes os movimentos de ruptura e continuidade, de enraizamento e deslocamento, assim como as memórias curtas ou

amplas que atravessam estas sofisticadas relações de consumo simbólico (MARTÍN-BARBERO, 1991). Valores, realizações e frustrações estão de tal modo influenciados por imagens e informações de consumo simbólico que, sem a investigação de hábitos e bens consumidos, seria impossível delinear um perfil identitário desses jovens ou rastrear suas concepções.

A partir do mapeamento das dinâmicas de apropriação dos bens culturais e do papel dessa dinâmica na definição de estilos de vida e na estruturação das narrativas juvenis, percebeu-se, na pesquisa brasileira, que os capitais culturais acumulados pelos jovens são suportes das concepções de mundo, das expressões identitárias e compõem, de maneira marcante, o imaginário juvenil. Buscou-se observar as mediações que constituem o cotidiano juvenil, considerando a tecnologia, a cognição, o contexto situacional e institucional e as diferentes referências constituídas pelo estrato social, o território, a idade, o sexo e os pertencimentos identitários, que são condições de existência e horizonte cultural.

## **2 – Apropriações, fluxos, territórios**

Investigação desenvolvida na cidade de São Paulo pela equipe de que fazem parte as autoras deste artigo apontou que os jovens entrevistados têm seus cotidianos marcados por um contexto urbano que cultua o movimento físico e a circulação constante. Analisada desde um ponto de vista de seus hábitos e práticas de consumo cultural, enfatizamos que esta circulação não se dá de forma igualitária: a maioria dos jovens moradores da zona sul, região periférica e empobrecida da cidade, não costuma sair dali para as atividades de lazer; já entre os entrevistados da zona oeste, região mais central, verifica-se que circulam mais e se apropriam de outras áreas da cidade em busca de distração e diversão. Os primeiros consideram *refúgio e proteção* como necessidade principal, enquanto os outros apontaram a necessidade de *soltar as amarras e sair pelo mundo* como o que o jovem mais precisa.

Apesar dessa diferença com relação ao ímpeto e à apropriação da cidade, circular por vários pontos da cidade, encontrar-se em locais de fluxo de jovens provenientes de diferentes regiões, buscar inserção identitária dentro de grupos delineados pelas

atividades de lazer apresentam-se como referências de ocupação regular do tempo livre. São formas de socialidade entrelaçadas à constituição do imaginário juvenil, impelindo-os a ir em busca de novas alternativas para seu dia-a-dia, especialmente no que diz respeito às atividades de lazer.

Apesar de os fluxos urbanos apresentarem-se como um dos principais articuladores de socialidade juvenil, chama atenção o fato de o quarto de dormir – espaço de intimidade e autonomia – aparecer, entre estes jovens entrevistados, como o principal território definidor da identidade e da subjetividade, inclusive no que diz respeito às relações de poder familiares: a decoração e as atividades desenvolvidas no interior dos quartos são alvos de menor influência dos pais.

Ressaltando uma experimentação bastante própria da limiaridade público/privado<sup>vi</sup>, é no quarto que estes jovens gastam boa parte do seu tempo livre quando não estão circulando pelas ruas; é lá que eles sentem-se à vontade para uma das principais formas de consumo simbólico juvenis: ouvir música. A música articula as socialidades, os grupos, imaginários e estéticas compartilhados, assim como as visões de mundo e boa parte das apropriações territoriais na cidade.

Comprar CD parece ser umas das atividades preferidas quando o assunto é “ser consumista”. Como o dinheiro para isso geralmente é pouco, as estratégias de consumo têm que ser estudadas, indo desde a compra de CD’s usados ou falsificados, passando pelas ofertas nas grandes lojas do ramo e desembocando na opção de gravação de seu próprio CD.

Mais da metade dos entrevistados toca algum instrumento musical. Independente da condição social ou bairro de origem, gosta de tocar e cantar para os amigos: “Eu gosto bastante de música, acho que todo momento quando você está brava, quando você está triste, quando você está alegre, tudo tem uma música que encaixa, ou pra te deixar mais triste ainda” (RRAM, 15-17, F/ZO)<sup>vii</sup>. Ao traduzir o momento emocional pelo qual o jovem está passando ou mesmo estimular a aproximação com a emoção ou sentimento transmitidos pelas letras, a música acompanha os humores e as afetividades diárias. Isso reforça o gosto, em alguns casos, pela música brasileira: “em primeiro lugar, eu só gosto de música brasileira, porque eu

só gosto de música que eu possa cantar”. (MLA, 18-24, F/ZO).

Neste contexto o consumo e a recepção culturais não são passivos: “às vezes levo as minhas amigas (ao meu quarto) e a gente fica conversando e escutando música. Adoro escutar música, no meu som tem karaoke, eu ligo e fico cantando sozinha na frente do espelho. Quando chega alguém lá eu desligo e disfarço e finjo que eu estou brincando. Mas eu adoro cantar a as minha amigas vão lá também. (PSB, 15-17, F/ZS). A música, acima de tudo, revela visões de mundo e, como diria Nestor Garcia Canclini (1999: 51), “serve para pensar”. É o que se nota neste depoimento, buscando, em um tocante esforço cognitivo, associar produção e consumo cultural a possíveis enfrentamentos da violência:

Quem ouve uma música boa não pratica a violência. Quem pega em um instrumento não pega em uma arma. Esse negócio de rap só fala em morte, palavrão, xingar, e outras não. Eu curto todos os tipos de música menos rap e rock. Porque a maioria dos roqueiros, parece que uma marca deles é fumar, fumar, ser mau, parece uma marca deles, a maioria mas não todos. Eu não gosto de rock” (PSB, 15-17, F/ZS).

Na pesquisa brasileira, de modo geral, confirmou-se a tendência matizada por uma acentuada percepção juvenil no que tange a dinâmicas de exclusão social e desigualdade econômica. Um número relevante de jovens abordados na pesquisa brasileira mostrou-se crítico em relação à sociedade de consumo; vários, entretanto, anseiam pela inclusão sócio-cultural, perpassada pelo acesso a bens materiais e simbólicos. Foi considerável o número dos que disseram não gostar ou assistir pouca televisão, o que parece ter relação direta com o capital cultural e o poder aquisitivo das famílias. Houve muitas críticas a programas de apelo popular por sua estética do grotesco, sendo que o espetáculo da violência não figura na preferência assumida por nenhum dos jovens entrevistados.

Enquanto as gerações que os antecedem tendem a dialogar com modelos mais conservadores de conduta e percepção, os jovens estariam mais aptos a introjetar novas formas de sensibilidade e a assumir a perspectiva nômade que os torna habilitados a apreender e a viver o mundo através de fluxos transversais que recortam, indistintamente, vários territórios e classes sociais. As novas sensibilidades estão articuladas a vivências tecnologicamente mediada e pelo

consumo cultural em grande escala, cuja linguagem é predominantemente audiovisual. Ao lado da televisão, a Internet, neste aspecto, ocupa posição de destaque.

A maioria dos entrevistados utiliza a rede mundial de computadores, mas de forma visivelmente desigual: quase a metade dos jovens da zona sul periférica têm pouquíssima relação com os computadores ou não têm acesso regular à rede digital, enquanto que na zona oeste mais privilegiada economicamente, todos os entrevistados utilizam a Internet quase diariamente. Acessar e-mails e freqüentar salas de bate-papo são os usos privilegiados pela maioria dos entrevistados; pesquisas em geral e busca de músicas são as atividades mais realizadas, mesmo entre aqueles que declararam não manter uma relação muito estreita com estes ambientes digitais. Para estes jovens a Internet é espaço de convívio social e fonte de informações. Ela absorve a atenção: evita-se atender ao telefone quando se está no computador; perde-se a noção do tempo navegando pela Internet.

Os jogos eletrônicos também embalam esta nova sensibilidade juvenil de caráter marcadamente audiovisual. É em casa (de amigos ou própria) que a maioria joga RPG. O gosto por este tipo de jogo eletrônico vem da possibilidade de viver no limiar entre o real e o virtual, impulsionados pela imaginação: “procuro algo diferente e até mesmo irreal, sei que aquilo não é real, mas eu me divirto. Se estou num jogo de guerra sei que não é aquilo que está realmente acontecendo e mata uma pessoa facilmente ou dirige um caso. Sabe que não é aquilo. Mas se diverte e se imagina ali dentro” (AMJ, 18-24, M/ZS). A imersão no ambiente virtual permite a adoção de diferentes “personalidades”: “você se sente o próprio personagem. Gosto do jogo *Residente Evil* que é um jogo de zumbis e eu estou dentro do jogo, ligado ao computador e dentro do jogo (...) Você acaba sendo um personagem, deixa de ser você mesmo para ser um personagem” (AMJ, 18-24, M/ZS). Na escolha do personagem verifica-se o resgate de antigos temas presentes nas lendas e mitologias: zumbis, fantasmas, castelos, campos de batalhas, heróis que devem salvar o mundo. Apesar da aparência de realidade dessa experiência, quando o jogo termina o personagem é abandonado, voltando-se à chamada vida real.

### 3 – Sucessão, alternância, simultaneidade

São Paulo, como qualquer outra grande metrópole, abriga contradições que se manifestam tanto na paisagem como nas práticas sociais dos diversos grupos humanos que a compõem. As insurgências contra a situação social vigente aparecem nos depoimentos concedidos muitas vezes como expressão estética ou, se forem concretas, como ações externas aos jovens entrevistados. Os estilos de apresentação visual e vestimentas são considerados expressões singulares, mesmo que digam respeito aos grupos, às tribos urbanas, segundo definição de Maffesoli (1987): isso “é como marca de expressão, tem gente que penteia o cabelo diferente, escuta música diferente e se veste diferente”; são “a revolta e o que se gosta” (AMJ, 18-24, H/ZS).

A maioria dos entrevistados compra roupas nas lojas de *shoppings centers*, sendo que parte significativa dos jovens da zona sul compra roupas junto aos vendedores ambulantes nas vias públicas. Na maior parte dos casos, são os entrevistados que compram suas próprias roupas; a maioria diz que ninguém influencia seu modo de vestir, embora ache que os amigos se vestem de forma parecida com a sua própria. O perigo de estar totalmente na moda diz respeito à dificuldade de diferenciação singular: “se você vê uma pessoa com uma roupa igual à sua, igual, igual, é ruim também; só que é moda e é bom estar na moda” (PSB, 15-17, F/ZS).

Saber como atuar entre as imposições da mídia e a criação de um estilo pessoal faz parte da astúcia necessária para escapar dos preços altos e da homogeneização: “você vai no (sic) *shopping*, você ‘tá pagando pela etiqueta, ‘tá pagando pela marca e eu não sou assim, eu uso o que eu gosto e não o que a mídia fala que é legal, que é bom, entendeu?” (RBS, 18-24, M/ZO).

A adequação do corpo aos padrões de beleza divulgados pela mídia apareceu mais como rendição do que contraposição. Tatuagens e *piercings* são algumas contraposições citadas como aspirações, mas entre os entrevistados, especialmente as mulheres, as alterações mais incisivas são realidade concreta na forma de cirurgias plásticas e bulimia: “eu sempre fui discriminada por ser gordinha. (...) eu fazia mesoterapia na minha médica, tal... eu comecei a emagrecer só que não

tava... dando certo, assim. Aí eu comecei a vomitar! (...) Eu acho que todo mundo me vê por aparência" (MLA, 18-24, F/ZO).

O consumo, que é uma atividade de esgotamento do que é consumido, pode também conferir um prolongamento simbólico da vida do consumidor. O prazer muitas vezes vem associado ao consumo de mercadorias: "já cheguei a gastar 250 reais num perfume. Em um perfume!" (MG, 18-24, F/ZS). A maior durabilidade da vida em relação ao objeto que se consome, o caráter cotidiano do consumo, o consumir como condição do viver e da realização dos rituais de morte surgem em formulações discursivas como estas: "se eu 'tô querendo jogar um videogame, é uma coisa que eu quero para a minha vida, eu compro pra matar a minha vontade e tal; (...) Acho que o consumo é diário, desde o pãozinho que você compra até o material que você tem que comprar no final do mês" (MBA, 18-24, M/ZS).

Por meio de seu relacionamento com as novas tecnologias da comunicação, principalmente computadores e jogos eletrônicos, a sucessão, a alternância e a simultaneidade se incorporam ao cotidiano dos jovens. Os mais jovens (15 a 17 anos) são os que mais dedicam tempo a essa prática. Uma vez que as práticas juvenis de produção e de consumo cultural estão expressas como socialidade numa relação cotidiana com as novas tecnologias da comunicação, a sucessão aparece como parte da fragmentação de informações e imagens que atinge os jovens nos grandes centros urbanos. O excesso de mensagens publicitárias em *out doors*, cartazes, faixas, o lazer grandemente vinculado à frequência de *shopping centers* e o trânsito pelas vias de fluxo intenso transformam a paisagem urbana em um mosaico confuso de cores e formas dimensionadas pela superfície plana da imagem midiática. Os fragmentos não têm ligação entre si, formando um todo permanentemente descontínuo.

A televisão ocupa boa parte do tempo livre caseiro da maioria dos jovens entrevistados e assume maior importância entre os jovens moradores da periferia que não vêm outra opção de lazer: "meu lazer é televisão, praticamente isso, o único lazer que eu tenho praticamente" (MG, 18-24, F/ZS). A maior parte dos que assistem televisão prefere noticiários e filmes. A televisão acrescenta alternância a



sucessão de fragmentos descontínuos. Publicidade e narrativas ficcionais se alternam incessantemente na programação das emissoras em sistema aberto de radiodifusão, assim como os próprios jovens alternam diferentes canais, mídias e tipos de atividades em suas práticas diárias.

A simultaneidade liga-se diretamente ao uso habitual da Internet. Para os jovens que têm maior capital cultural (BOURDIEU, 1983) e poder aquisitivo correspondente, o uso simultâneo de Internet, televisão, livros ou revistas, em articulação com telefone ou interações presenciais com outras pessoas tem se tornado cada vez mais comum.

Também aparecem como simultâneas as interseções entre cultura oficial e manifestações independentes. A primeira, apresentada mais intensamente de forma midiática, assume o caráter normativo, mas não impede a formação de grupos de expressão artístico-cultural mais singulares, como bandas de *rock* de garagem ou grupos de pagode<sup>viii</sup>. As possíveis articulações entre o local e o global, como bem expressa essa alternância de ritmos, juntamente com os hábitos particulares de consumo simbólico, configuram tanto manifestação de uma vida mais coletiva quanto expressão das subjetividades dos jovens pesquisados.

#### **4 –Risco, violência e medo na cidade**

A relação entre violência e consumo, seja este simbólico ou concreto, é recorrentemente feita pelos entrevistados. Para vários deles, esta relação fica mais evidente na medida em que consideram que as pessoas são impelidas ao roubo por conta das necessidades de consumo impostas pela mídia e pela moda. Para estes entrevistados, as diferenças sociais e suas conseqüentes interferências no âmbito do consumo relacionam-se diretamente à violência. A necessidade impossível de ser satisfeita e geradora de violência é representada por um ícone do consumo juvenil: o tênis. Tanto entre os jovens da periferia quanto entre os da região mais central da cidade o desejo de posse desse calçado aparece como metáfora elucidativa da situação social e da própria inserção subjetiva nesse contexto.

Lembre-mos, os tênis são, concomitantemente, objetos de deslocamento físico e de ascensão simbólica. São, ainda, objetos que potencializam o correr e o jogar,

associados a marcas poderosas que apregoam, já há muitos anos, tanto a rebeldia quanto a juvenildade de caráter esportivo. Interessante vislumbrarmos, neste caso, associada a um objeto de consumo, de valor quase fetichista, tanto a contestação quanto a afirmação de preceitos da moderna sociedade capitalista. Corpos jovens e atléticos ou corpos jovens e rebeldes, ambos compõem este quadro de tensões.

É oportuno recordar os já clássicos estudos desenvolvidos por Paul Virilio (1984) acerca da dromocracia<sup>1</sup> que corroboram a percepção juvenil indicadora de uma associação entre desigualdade e velocidade. Segundo o estudioso francês, a crise urbana não é estranha à crise política, posto que a movimentação compulsória de fato acarreta a ruptura de vínculos coletivos, tornando-nos, a todos, uma espécie de “estrangeiros do interior” e, aos “outros”, imagens que passam. Na desertificação do urbano, com a emergência de ilhas vivenciais, efetiva-se a negação do percurso, o circular por pólos que não se tocam, colocando-nos, constantemente, em estado de partida/chegada. A autoctonia daria assim lugar a uma sorte de cidadania temporal.

Seríamos, na acepção de Virilio (1984), cidadãos de um tempo, bem mais do que de um lugar. Este tempo, como notado por nossos jovens, é aquele da velocidade, da intensidade, do deslocamento. Por prazer, necessidade, hábito ou obrigação, é ele, exatamente, que irá guiá-los pela cidade e, em uma simbiose por vezes perversa, também ele resultará em parâmetro possível de seus “modos de ser”.

Esta extrema fluidez não acarreta, necessariamente, uma uniformidade de posturas flexíveis. Assim, não é incomum, em outros depoimentos, encontrarmos o reforço a tradicionais estereótipos associados à metrópole paulistana. Segundo R.B.S. (18-24; M/ZO),

São Paulo é muito a locomotiva do país, entendeu? Se isso aqui parar, nada mais funciona.

Ainda assim, ele pondera,

Mas eu não gosto daqui, acho que a competição, a falta de humanidade que as pessoas acabam tendo por viver aqui, sabe, precisando tipo competir, “não, eu tenho que ser melhor do que ele porque senão...”, sabe? Acho que

---

<sup>1</sup> A ditadura da velocidade, a ordem da movimentação compulsória.

isso diminui a humanidade de cada um e aumenta a competitividade, sabe? Não gosto daqui por causa disso.

Quando paro para analisar isso, refletir sobre isso, [sinto] algo próximo à tristeza, uma coisa muito artificial, sabe? É muito concreto, é muito vidro, muita coisa que não tem vida, sabe? Mas eu tô me divertindo porque aqui é o centro, né, do país... Quando eu tô me divertindo, não vejo a cidade dessa forma, vejo como uma coisa até que boa porque aqui tudo acontece, entendeu? E eu fico contente de estar onde tudo acontece.

Uma imagem da cidade... Pode parecer uma coisa meio estranha, mas eu acho que é de um deserto.

A paradigmática narrativa de R.B. indica outro aspecto da contabilidade eletiva com a qual lidam alguns segmentos juvenis ao negociarem, em termos macro, a própria significação do que seja viver em uma cidade e ao articularem, na microscopia cotidiana, seus hábitos sócio-culturais e suas dinâmicas de subjetivação. Nômades, sim, mas igualmente conscientes dos limites que lhe podem ser imputados pelos lugares que ocupam na cidade e que, eventualmente, extrapolam o âmbito de seu livre arbítrio. Talvez encontremos na fala de A.M.J. (18-24; M/ZS), morador da zona sul da cidade, uma das mais explosivas associações entre as opções oferecidas e o preço a ser pago pela vivência desta urbanidade. De modo direto e pungente ele analisa o “pacote fechado” que, em sua visão, define sua vida na cidade. Este “pacote” inclui, com contundência, a experimentação do êxtase e de uma inevitável incompletude:

[São Paulo] pra mim significa diversão, violência, lazer e trabalho.

É o que acontece hoje em dia, é com o que a gente convive. Trabalho, estudo, violência e lazer. Acho que toda pessoa em sua vida tem esse ritmo em cada cidade aonde mora.

Sou de João Pessoa e sei que há uma grande diferença de lá para cá. Lá a gente poderia ficar mais tempo na rua porque tinha mais lazer e já aqui é mais fechado, e também a gente não pode ficar até tarde na rua por causa da violência. Não tem uma diversão por completo, você se diverte mas com aquele medo pois não sabe a que horas irá chegar em casa e nem se irá chegar em casa.

[São Paulo é] adrenalina. Saio para me divertir com aquela adrenalina pois eu não sei se irei voltar vivo. É a mesma coisa de estar numa montanha russa velha que não sabe se irá quebrar quando for passar.

Onde eu morava não era tão evoluído, demorou chegar o computador. E aqui já é mais evoluído em tecnologia e música.

Não gosto do estresse de São Paulo, barulho de carro, poluição e violência.

As pessoas que vem de fora pensam e mesmo eu pensei que iria conseguir uma vida melhor em São Paulo. Sei que muita gente consegue mas também muitas não conseguem.

Assujeitar-se à violência urbana e, por decorrência, abdicar de sua condição de sujeito surge, em alguns relatos, em gamas diversas de significação. Em vários deles, trata-se de uma alternativa de sobrevivência. Representando esta situação, A.I.U. (18-24; F/ZO) é peremptória: “ou você se adapta, ou você se isola”. Correr o risco e ao mesmo tempo negá-lo aparece aqui como inevitável:

Se eu for ficar com medo, não saio de casa. Eu preciso ir da minha casa pra faculdade, da faculdade pro trabalho, do trabalho pro inglês e do inglês pro treino.

Já teve época, quando eu morava com a minha mãe, que eu tava no ponto, sozinha, às 09h30min da noite. Um cara chegou ao ponto e começou a andar. Eu falei: “Meu, o que eu vou fazer pra assustar esse cara?”. Aí comecei a olhar do lado e, sabe quando você xinga meio na cabeça e fica com aquela cara assim? Aí o cara começou a olhar pra mim e deve ter pensado: “Meu, essa menina deve ser louca!”. Mas percebi que o cara veio meio pra cima, quando comecei a bater o pé no chão, meio que bufar, sabe essas coisas assim, meio ‘tô nervosa’? Aí o cara meio que se afastou e foi embora. Tinha certeza que ia ser assaltada, certeza absoluta. Uma menina de shorts, porque eu tava indo treinar... vai, de bermuda, não era curta... eu falei: “Nossa...” . Nem contei pra minha mãe se não ela não ia mais me deixar sair de casa.

Hoje em dia a gente tá... sei lá, tem muita amiga minha que entra em pânico de ir pro treino à noite, por exemplo. Acho que, assim, você tem que viver de algum jeito. Assim, morar em condomínio é ótimo. Você tem segurança, você tem o porteiro que vai vigiar todo mundo que entra e todo mundo que sai, ou você corre o risco dentro, porque tem hoje em dia milhões de formas, ou... vai, você sai na rua e você vai ter que enfrentar, então eu saio.

Para outros dos jovens entrevistados, como C.M.O.P. (15-17; M/ZO), há a necessidade de se dimensionar a proporcionalidade risco real/risco simbólico:

É o que eu falo, é um risco que não é tão grande assim para as pessoas ficarem na paranóia. Isso que eu acho que extrapola, as pessoas começam a ficar muito... O próprio governo estadual investe a maioria na segurança. (...) Você sai em São Paulo de carro, não passa 5 minutos sem ver uma viatura, é em todo lugar isso, entendeu? Então essa preocupação de estar garantido a segurança, ela só existe nesse meio da desigualdade social. Porque se for ver a polícia....

[Existe] uma violência aceita pela Sociedade, (...) não existe só aqui. Como São Paulo é uma Cidade muito grande, ela assume proporções muito maiores. Mas a violência é a mesma, ela só está em larga escala.

O discurso fatalista, a menção à escolha do melhor ou do pior caminho, a visão, particularmente forte junto aos jovens da zona sul, de que todos têm um destino, tende a construir visões de mundo paradoxais, nas quais as escolhas são quase um fardo. A estes jovens, parece restar uma atitude de esgrimista: lutar para encontrar o melhor caminho, mas, ao mesmo tempo, lutar para não se indispor com os que ficaram para trás. Como longamente narrado pela garota M.G. (18-24; F/ZS):

Viver assim é muito ruim, muito ruim mesmo. Eu não tenho segurança. Pra você ter idéia, chego com meu carro aqui, moro exatamente nessa pracinha, eu chego, antes faço a volta, fico olhando pra ver se não tem alguém. Para você chegar num lugar em que você não tem segurança na sua casa é horrível. Eu saio pouco. Sou super medrosa, é horrível. Também aqui no bairro você não pode ostentar muito, você não pode chegar com um carrinho zero, andar com sua bolsinha de lado, com o nariz empinado e não olhar para ninguém. Não pode, você tem que cumprimentar todo mundo, tem que ser a amiga de todo mundo. Eu vejo que a violência hoje em dia ficou muito forte, você não pode “marcar toca” mesmo. Sem você dar sopa para o azar, já acontece. Então sou super ligada, quando paro no farol eu já paro com distância, que se vier alguém consigo fugir pela lateral, sabe? Sou totalmente assim. E fui assaltada, imagina se você é totalmente desligada, anda com os vidros abertos do carro, sabe, com a bolsa jogada do lado. Então não dá.

## **5 – Exclusão pelo lazer e experimentação da violência**

Relacionando falta de lazer, falta de consciência e uso de drogas às causas da mortalidade juvenil na atualidade, A.M.J. (18-24; M/ZS) descreve o cotidiano de seu bairro:

Não tem uma quadra para praticar esporte, nem um lugar para andar de *skate* e nem cinema perto... Aqui a gente não tem muitas opções e com isso temos que sair do bairro para achar uma opção para se divertir. Ele [o jovem] entrará nas drogas ou conhecerá alguém que mexe com tráfico ou com bandidagem e acabará se envolvendo.

Continuando seu relato, o mesmo jovem utiliza-se de uma singular imagem para descrever a vida no local de moradia:

O bairro em que eu moro convive com a violência e para mim isso é como se fosse uma montanha russa. Convivemos com a violência mas não temos lazer, não tem nenhum projeto de lazer no bairro, como uma quadra para o jovem praticar esportes, e fica aquele medo. Não tendo lazer vai se criando mais marginais porque eles têm a opção do quarto setor, de mexer com o tráfico, achar dinheiro fácil. Ao invés deles se divertirem eles irão para o tráfico ganhar dinheiro. Falta lazer e saneamento básico. Acho que muitas pessoas ficam revoltadas com isso, apesar de que eles também são acomodados porque se quiserem melhorar conseguem.

A experiência da intensidade, tão conflituosa quando referente ao ritmo urbano, retorna, de modo também marcante, em outras dimensões da sensibilidade e da socialidade juvenil. Mesmo quando não diretamente associado à criminalidade, o potencial desestruturador do envolvimento com o universo do álcool e de drogas ilegais inscreve-se no imaginário e demarca boa parte do cotidiano dos entrevistados. Em inúmeros dos relatos colhidos nota-se, por parte dos jovens, a tentativa de elaborar justificativas para experiências como estas, associadas a uma “ausência de controle” e à entrada em um campo cíclico, labiríntico, no qual se perde autonomia e provoca-se o sofrimento alheio, ainda que de forma involuntária. Elencam, para tanto, além das já citadas explicações sociais, fatores culturais e psicológicos mais sutis, muitos deles indiretamente relacionados à lógica da sociedade do consumo e da comunicação, marcada pelo excesso, pela urgência do viver o “aqui e agora” e pela busca desenfreada de reconhecimento e visibilidade.

Na tentativa de hierarquizar as diversas drogas presentes no cotidiano juvenil, R.B.S. (18-24; M/ZO) propõe uma classificação em termos de uma escala de “efeitos”, inserindo em seu discurso, ora criticamente, ora como base interpretativa, o próprio “efeito-mídia” que compõe a visibilidade do impacto do uso de drogas:

Cigarro é uma droga que digo que não é droga, porque não altera seu estado moral. Eu ‘tô aqui sentado, falando, conversando, se eu fumar trinta cigarros ou um ou nenhum vou continuar do mesmo jeito. O álcool é mais complicado porque altera seu estado. Então, não tem nada de mais tomar um vinho depois do almoço, uma cerveja sexta-feira à noite depois do trabalho,

entendeu? Não excedendo, não excedendo, sabe. Mas já vi muita, muita família aí, se vê todo dia em jornal e televisão, muita família destruída por causa de maconha, por causa de cola, por causa de cocaína, heroína. Por causa do álcool também, sabe, quando se perde por causa do jogo, do vício. Mas não é tanto, pelo menos não é tão divulgado, aí é que ‘tá, entendeu?

Outro aspecto da vivência urbana, a cultura da visibilidade e da televigilância, participa com contundência da composição do indignado relato da jovem J.S.S. (15-17; F/ZS):

Ai, desculpa falar, mas eu não gosto de polícia não. Folgados, são folgados... Só porque a pessoa usa boné para trás, é negro, principalmente isso, roupa folgada, já é maloqueiro. Eles nem pedem os documentos e já começam a bater, entendeu? Muitas vezes passa em jornal, assim, caras vestidos de terno, roubam celular [vê-se] pelas câmeras nas avenidas... rouba celular, rouba bolsa. Agora, só porque o menino ‘tá de *skate*, estilo maloqueiro... vai ser ladrão? Já pode bater? Ah... isso aí eu não suporto, eu não gosto nem de ouvir falar... deixa para lá.

## **6 – O sem limite e o inexplicável**

A nomeação “falta de consciência” é um fio condutor recorrente nos relatos, seja quando descrevem a entrada juvenil na criminalidade, seja quando se trata de reflexões acerca da utilização desenfreada de drogas. Como apontado por MG. (18-24; F/ZS), “tem muito marmanhão que cata os pivetinhos e faz de aviãozinho que leva a droga de um lugar para outro. Eles fazem a mente desses molequinhos”.

Especialmente significativa é a já clássica associação entre prática da “*violência pela violência*” e o que é percebido como uma expressão de “irracionalidade” ou, em seu paroxismo, da entrada no campo do delírio, da obsessão. Segundo C.M.O.P. (15-17; M/ZO),

Esse tipo de violência [praticada por gangues e tribos juvenis] é diferente, a violência é mais um negócio muito estranho. Tem até a questão do grupo, a gente fica com um grupo e aí tem que arranjar violência. As pessoas meio que têm uma necessidade, não sei, é muito estranho. [Têm] meio que extravasar – a torcida de futebol é a mesma coisa –, extravasar as raivas. As pessoas ficam obcecadas por isso e aí vira uma guerra.

Se, anteriormente, mencionamos a associação entre ausência de lazer e prática da violência criminal, é igualmente marcante a descrição de situações nas quais é no

próprio interior das atividades de lazer que se gera a violência juvenil. R.R.A.M. (15-17; F/ZO), analisando a violência praticada por grupos juvenis, reforça a idéia de esta possuir um caráter endógeno:

Acho que tem muita violência principalmente porque eles [os jovens] não sabem mais os limites. Jogos, por exemplo, na verdade seriam para se divertir, mas eles acabam esquecendo esse espírito esportivo, esse espírito de “vamos ficar bem com a gente mesmo”. Acho que começa de dentro.

Recuperando vários dos aspectos abordados por outros jovens, M.L.A. (18-24; F/ZO) constrói um cenário complexo ao analisar o envolvimento juvenil em brigas e atos de vandalismo:

Eu mesma falei [na entrevista] que só vi briga em danceteria. Todo mundo fica bêbado, aí... sai se estapeando, não quer nem saber se... é amigo... tipo, é amigo desde pequeno, mas fica bêbado, o povo parece que fica possuído, começa a se bater, eu falo: “Gente...”. As brigas que vejo, são... não idiotas, assim, mas de gente que briga por nada, entendeu? Briga pelo simples brigar e porque eu sou... o bom! Vou brigar, bater, porque mexeu com a minha namorada, aí, porque me chamou disso... não tem um porquê para isso! Acho que existe a violência de pessoas que fazem a violência por necessidade. Que roubam, por necessidade... São [pessoas] que não têm condição. Pobres. Sem condições... ou foram discriminados e vão para esse lado. E têm também pessoas que vão para a violência por causa de droga. Acho que são coisas bem diferentes. [Os que brigam sem motivo] geralmente... têm dinheiro, só que bebem e acham que... aí ficam, viram pessoas mais fortes.

Segundo M.G. (18-24; F/ZS), “muitos atos de violência são praticadas pelos próprios jovens, em geral envolvendo o tráfico. O jovem vai lá e vende droga para outro jovem, ele fica usando, usando e depois não paga”. E continua: “Aí o jovem tem que cumprir com o mandato do cara lá, do traficante, e tem que matar para impor respeito. Então ele vai lá e mata o amigo de anos, não ‘tá nem aí e pronto. E acabou”.

A ruptura ou o desrespeito a relações antigas de amizade, citadas nos depoimentos acima, apontam para uma certa perplexidade diante da constatação do poder re-fundante de espaços de socialização particulares, como o mundo do narcotráfico ou o êxtase da balada, responsáveis por redefinir, mais uma vez de forma



endógena, circunstancial e auto-referente, regras de conduta, hábitos e dinâmicas comportamentais que embasam parte das identidades juvenis.

Os jovens, igualmente, demonstram-se desconcertados por se sentirem inseridos em uma cultura da suspeição. É o que se revela, de modo doloroso, no relato de M.G. (18-24; F/ZS):

São pessoas que a gente conhece, todo mundo conhece [os criminosos] mas nunca vai falar nada. Tanto que amigas minhas já chegaram e falaram “ah, fulano, você cumprimenta ele mas cuidado. Não vai cumprimentar toda hora porque se ele estiver drogado e não gostar da forma que você cumprimentar, vai tirar satisfação”. Então você já fica com medo, você fala “putz, o que é que eu faço, eu cumprimento ou não cumprimento?”.

Ultrapassando um recorte dicotômico de classe, é comum aos entrevistados das duas regiões a nomeação do desejo que moveria muitos dos jovens praticantes de atos de violência, tanto aqueles claramente criminalizados – no caso, por exemplo, do narcotráfico – quanto os que aparecem associados à violência simbólica, a brigas ou a atos de vandalismo. Em ambos, o mesmo desejo juvenil: sentir-se “forte” e integrado a novos grupos de socialização.

## **7 – Mídia e violência**

Analisados em sua totalidade, constata-se que os relatos juvenis obtidos são indicativos de uma percepção da violência ancorada em dois aspectos centrais. O primeiro, revela uma experimentação típica da *sensibilidade desenvolvida em grandes centros urbanos*, com a proliferação de sutis sistemas simbólicos de exclusão e inclusão, de uma prática “pontilhada” de circulação pelo espaço e pelos grupos de socialização – o chamado *zapping* sócio-cultural –, pela redefinição do corte centro/periferia – incluindo-se as noções de pluricentralidade e de exclusão temporal – e pela midiaticização crescente das cidades – partícipes de uma cultura da comunicação, da proliferação das interfaces tecnológicas e da televigilância.

Neste último aspecto, chama a atenção nos depoimentos o fato de estarem bastante marcados pela mixagem documental/ficcional, visto que inúmeros deles incorporam em sua estrutura lógica o “efeito mídia” imiscuído nas práticas e análises da violência. Quando questionados sobre a articulação *violência*

*mediática/violência real* os entrevistados, em sua totalidade, manifestam-se bastante críticos em relação a alguns veículos e empresas de comunicação, sendo citados com recorrência significativa o programa “Cidade Alerta” (exibido na TV Record, que não foi diretamente mencionada) e a Rede Globo de Televisão. Em uma análise mais cuidadosa nota-se a existência de alguns modelos interpretativos e conceitos hegemônicos, como no caso de teorias conspiratórias, de teorias da manipulação e de uma compreensão da mídia como sistema abstrato. Segundo o depoimento de A.I.U. (18-24; F/ZO),

A mídia vai passar do jeito que eles acham melhor. A Globo manda no Brasil, porque eles passam do ponto de vista deles. E praticamente todo mundo assiste, porque é canal aberto. Campanha de presidente é o melhor exemplo disso, eles induzem... fazem meio que uma pesquisa, vêem mais ou menos como a população ‘tá e induzem para o que eles querem. Eles conseguem manipular a cabeça da maioria da população, fácil. Aí o que acontece, se eles noticiam violência... Outro dia, nossa... eu ‘tava mudando de canal, aí pus naquele ‘Cidade Alerta’, os caras quase filmaram a tripa do cara saindo para fora. Porque o cara bateu e daí fugiu, daí não sei o que... aí a pessoa que ‘tá assistindo fala: nossa... não acredito que o cara fez isso... e vai gerando uma revolta nas pessoas... acho que vai instigando a pessoas, dependendo da forma como é passada.

Esta tradução do cotidiano urbano será, em diversos relatos, associada a uma distorção da realidade. Como notado por M.L.A. (18-24; M/ZS),

Quem não mora [no meu bairro] só vê aqueles relatos pela tevê e tal... Pessoas morrem e tal, mas assim, quando acontece um fato que dá bastante repercussão aí que eles vão lá (...) dizer que o bairro é violento e tudo mais mas não é tão violento assim... porque eu convivo né, mas a questão difícil que tem lá é o envolvimento de jovens com drogas coisa e tal, isso é que é o mais, né, o mais, que fica mais pesado ali no bairro, no Capão Redondo.

Analisando os efeitos da midiaticização da imagem de seu bairro, o mesmo jovem percebe um deslocamento de foco ocasionado pela ocorrência de episódios de violência em outras regiões e classes sociais:

Antigamente eles passavam o Capão Redondo como a maior área que tinha mais violência na cidade de São Paulo, né. Hoje em dia já desfocaram um pouquinho, né, hoje em dia eles já estão indo lá pra classe média. Filho matando a mãe, matando os pais... Quer dizer, desfocaram um pouco, né, porque ali já viram que ficou muito maçante aquele negócio, né, filmando

só o pobre sendo sacrificado, só o pobre, né. Aí acabaram fazendo pro lado do mais rico que tem mais poder aquisitivo, vendo que eles também tem, também cometem atos de violência, né, então aconteceu e às vezes até pior, né?

A imagem de um telespectador passivo, sujeito à manipulação, e de veículos de comunicação poderosos, capazes de “manipular a cabeça da maioria da população”, não impede que os entrevistados detectem com bastante clareza a lógica de construção da violência midiaticizada. Assim, localizam seus efeitos mais em termos de uma forma de construção e divulgação do que exatamente de um conteúdo. Percebem, ademais, a construção de um foco de abordagem, de mecanismos de visibilizar ou invisibilizar determinados fenômenos de violência, de seccionamentos na interpretação de episódios de violência e, em especial, da crescente *associação entre violência, entretenimento e comoção*.

Analisando a relação mídia/violência M.L.A. (18-24; F/ZO) constata a seguinte situação:

A violência na televisão ‘tá um pouco sensacionalista. Eles tentam pegar qual a tragédia maior. Se é para assistir ‘Cidade Alerta’, ‘Datena’, eu prefiro não assistir mais televisão. Porque você só vê em televisão é gente se batendo, não sei quem que morreu, levou um tiro na faculdade. Eles exploram muito. Mostram a vida da menina que levou o tiro... para dar ibope. Eles não fazem isso para melhorar a violência.

P.A. (15-17; M/ZO) aprofunda esta visão:

A mídia fala muito da violência excessivamente sem apontar perspectiva, sempre colocando culpados. Ao mesmo tempo que ela coloca muito, fala o que é violência, porque será que a violência é só o Beira Mar? A mídia fala muito do fato de ter um tiroteio na faculdade, da *mina* tomar um tiro e ficar tetraplégica, eles falam muito mais disso, do que sobre o que causou isso, das outras violências que resultaram nessa violência. Enfocam porque atingiu a elite. As pessoas que controlam a mídia não estão preocupadas com a distribuição de renda, não estão preocupadas com democracia. Elas estão com medo. O morro está se armando e a elite teme isso, teme que aconteça alguma coisa. Lógico, é uma coisa que afeta todo mundo mas quem tem medo disso é a elite. Porque as [outras] pessoas estão com muito mais medo de perder o emprego do que de tomar um tiro. Vendendo a violência do jeito que estão, com programa que só

fala de violência, que tem super audiência, as pessoas acho que se sentem bem vendo que não estão tão mal assim, vendo que tem coisa pior, acho que elas se sentem confortadas. Então a mídia vende a violência ao mesmo tempo que ela usa isso para comover.

Os mesmos jovens que em seus depoimentos mostram-se capazes de elaborar análises críticas sobre a mídia – nas entrevistas em profundidade, quase exclusivamente associada à TV – atestam, em seu discurso, a influência da veiculação midiática na percepção da violência. Em vários depoimentos, era recorrente a menção a episódios de espetacularização e a crimes sensacionais divulgados à época. Esse cenário parece colaborar para a construção de uma imagem da violência como fenômeno que, contemporaneamente, efetiva-se tendo por base uma crescente indefinição de fronteiras, tais como, violência sofrida/violência praticada, necessidade/casualidade, vítima/algoz, fatores externos/motivação interna, ocorrido/suposto.

O segundo aspecto, relacionado ao anterior, aponta claramente para a percepção de assistir-se, hoje, a uma complexificação da violência, seja em termos de sua dimensão simbólica, seja quando concretamente se efetiva como ato social. É contundente, em inúmeros depoimentos, a identificação de uma multicausalidade de tais fenômenos. Os jovens revelam ainda a capacidade de discernimento entre a violência macrosocial e a violência microssocial. Distinguem, assim, uma violência que seria causada pela miséria e pela crise econômica daquela que se restringiria ou, antes, seria engendrada em dinâmicas intergrupais.

O efeito randômico da violência é também evidentemente valorado por vários dos entrevistados, com ênfase maior para os jovens moradores da zona sul. Como descrito por P.S.B. (15-17; F/ZS),

A cidade está muito... o que mais você ouve aqui é violência. Não tem mais como você ficar evitando. Acontece, você não sabe quando e onde acontece. Onde você menos espera vai acontecer.

Em outra derivação, é bastante freqüente a menção ao que, aqui, nomeamos como a experimentação de uma cultura do risco. O espraiamento dessa vivência no cotidiano de nossas cidades assume desde formas mais “suaves” – o êxtase juvenil

externado nas “baladas” – até aquelas mais contundentes e duras – do envolvimento em “rachas” até a prática de gestos criminosos por, entre outros motivos, uma mescla de desejo de notoriedade, fama rápida entre os pares e na mídia, desafio à autoridade e busca desenfreada de diversão. A cultura do risco, como uma das faces da violência contemporânea, ultrapassa fronteiras de classe, sem que isso, contudo, implique em padronização dos atos punitivos que, porventura, sejam imputados aos jovens envolvidos na prática de tais ações de violência quando se tornam criminalizáveis.

A violência pode ainda se associar ao prazer, ao consumo e à criação de identidade, construindo, na interseção com o universo da mídia e com aquele da criminalidade, uma glória intensa e fugaz, com a busca e a utilização de signos de vitória e projeção. O fascínio da visibilidade e do reconhecimento – ancorado no estrelato midiático ou na força bruta da ação criminal – cria um inusitado barômetro do sucesso, material e simbólico: ter e poder (poder ter, poder fazer, poder falar, poder aparecer).

#### **Referências bibliográficas:**

BENJAMIN, Walter. *Walter Benjamin. Obras Escolhidas II. Rua de Mão Única*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

\_\_\_\_\_. *Walter Benjamin. Obras Escolhidas III. Charles Baudelaire. Um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BORELLI, Silvia Helena Simões e ROCHA, Rosamaria Luiza de Melo (coord.); SILVA, Gislene; COSTA, Josimey; OLIVEIRA, Rita Alves de; SOARES, Rosana de Lima. *Jovens urbanos: concepções de vida e morte, experimentação da violência e consumo cultural*. Relatório FAPESP. São Paulo, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *La distinción*. Madrid: Taurus, 1991.

\_\_\_\_\_. “Gosto de classe e estilos de vida”, in Pierre Bourdieu / Renato Ortiz (org.), São Paulo, Ática, 1983.

CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. São Paulo, Papyrus, 1995.

\_\_\_\_\_. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, Vozes, 1994.

CUBIDES, Humberto J.; TOSCANO, Maria C. L.; VALDERRAMA, Carlos E. H. (org). *Viviendo a toda: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades*. Bogotá: Siglo del Hombre/DIUC, 1998.

ECO, Umberto. *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo, Martins Fontes, 1993.

GARCIA CANCLÍNI, Nestor. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Trad. Maurício Santana Dias. 4ª ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1999.

MAFFESOLI, Michel. “Nomadismo juvenil”. *Revista Nómadas*. Bogotá: DIUC, nº 13, out. 2000.

MAFFESOLLI, Michel, *O tempo das tribos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. “A cidade virtual. Transformações da sensibilidade e novos cenários da comunicação”. In: *Revista Margem*. São Paulo: Educ/FAPESP, nº 6, dez. 1997.

\_\_\_\_\_. “Jóvenes: des-orden cultural y palimpsestos de identidad” In: CUBIDES, Humberto J.; TOSCANO, Maria C. L.; VALDERRAMA, Carlos E. H. (orgs.). *Viviendo a toda: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades*. Bogotá: Siglo del Hombre/DIUC, 1998.

\_\_\_\_\_. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e comunicação*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

\_\_\_\_\_. *Diá-logos de la comunicación*. Coordinación e Introducción del N°30. Lima, 1991.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX. O espírito do tempo 1. Neurose*. 6<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.

\_\_\_\_\_. *O homem e a morte*. Portugal: Europa-América, [s/d], Biblioteca Universitária, vol. 19.

\_\_\_\_\_. *O enigma do homem*. RJ, Zahar, 1979.

\_\_\_\_\_. *O método IV*. Portugal, Europa-América, 1992.

ROCHA, Rosamaria Luiza de Melo. *Estética da violência. Por uma arqueologia dos vestígios*. São Paulo, ECA/USP, 1998. Tese de doutorado.

SIMMEL, Georg. “A metrópole e a vida mental” In: *O fenômeno urbano*. Otávio Guilherme Velho (org.). Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

VIRILIO, Paul. *L’horizon négatif*. Paris, Galilée, 1984.

WILLIAMS, Raymond. *The long revolution*. London, Penguin Books, 1984.

\_\_\_\_\_. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1979.

---

<sup>i</sup> Este artigo contém resultados parciais da pesquisa “*Jovens urbanos: concepções de vida e morte, experimentação da violência e consumo cultural*” está vinculada ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais (PUCSP), foi financiada pela FAPESP e é parte integrante de uma rede internacional de pesquisadores, sob a responsabilidade do DIUC - Universidad Central, Bogotá, Colômbia. Compõem a equipe brasileira, na primeira etapa (2001/2004): Profa. Dra. Silvia H. S. Borelli (Coordenadora – PUCSP/SENACSP); Profa. Dra. Rosamaria L. M. Rocha (Coordenadora – PUCSP/ESPM); Profa. Dra. Gislene Silva (UFSC); Profa. Dra. Josimey C. Silva (UFRN); Profa. Dra. Rita C. Alves Oliveira (PUCSP/SENACSP), Profa. Dra. Rosana L. Soares (ECAUSP); Francisco Romero Neto (PIBIC/CNPq); Lucivania Alves (PIBIC/CNPq); Mariana de Stefano (PIBIC/CNPq), Marina M. Cardoso (PIBIC/CNPq); Marcel Maia (supervisor de campo). Na segunda etapa (de 2004 e ainda em andamento): Profa. Dra. Silvia Borelli; Profa. Dra. Rosamaria L. M. Rocha; Profa. Dra. Rita Alves Oliveira; Euzébio S. Silva (PIBIC/CNPq); João P. Paixão (PIBIC/CNPq); Mariana de Stefano; Pedro A. M. Gomes (PIBIC/CNPq).

<sup>ii</sup> Doutora em Ciências Sociais e professora de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte / Brasil.

<sup>iii</sup> Doutora em Antropologia e pesquisadora do Centro Universitário SENAC de São Paulo e do Departamento de Antropologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil.

<sup>iv</sup> Rose de Melo Rocha, professora e pesquisadora da ESPM-SP e da PUC-SP. Doutorou-se em Ciências da Comunicação pela ECA/USP e fez seu pós-doutoramento em Ciências Sociais na PUCSP.

<sup>v</sup> Vide a primeira nota deste artigo.

<sup>vi</sup> Embora este resultado não conste do presente trabalho, cabe ressaltar uma das constatações advindas das observações etnográficas realizadas: ao ocuparem os espaços de socialidade urbanos – praças, parques, etc. – os jovens tendem, igualmente, a transformá-los em “lugares seus”.

<sup>vii</sup> Identificação dos entrevistados: iniciais dos nomes, faixa etária (15 a 17 e 18 a 24 anos), gênero (feminino ou masculino), região da cidade (ZO para zona oeste e ZS para zona sul).

<sup>viii</sup> Ritmo musical popular brasileiro derivado do samba.